Intertextualidades em Formação do Brasil Contemporâneo:

Um mapa dos diálogos de Caio Prado Jr. com Capistrano de Abreu, Euclides da Cunha e Oliveira Vianna.

Maria Lúcia Abaurre Gnerre

Resumo

Este artigo tem como foco central o traçado de um mapa das intertextualidades entre **Formação do Brasil Contemporâneo** – importante obra de Caio Prado Jr. – e outras importantes obras que a antecedem. Dedicamo-nos ao trabalho de busca de marcas de outros textos no texto de Caio Prado Jr., marcas que se traduzem em metáforas, estilos, métodos, e mesmo no conteúdo da Obra desse autor Os textos selecionados para este cotejo são importantes obras publicadas nos primeiros anos do século XX: **Capítulos de História Colonial**, de Capistrano de Abreu, **Os Sertões** e **À Margem da História,** de Euclides da Cunha, e **Populações Meridionais do Brasil,** de OliveiraVianna.

Palavras-chave: historiografia brasileira, Caio Prado Júnior, intertextualidades

Abstract

The purpose of this article is to analyze one of the most important historiographical works in Brazilian History. We compare the historic narrative of **Formação do Brasil Contemporâneo** with other important texts in search of similar themes, imagery and metaphors. The texts selected for our analysis are some of the recognized important works from the beginning of the XXth centure: **Capítulos de História Colonial**, one important work by Capistrano de Abreu; **Os Sertões, the masterpiece of Euclides da Cunha,** À **Margem da História,** another important work of this same writer**,** and **Populações Meridionais do Brasil,** the most important work of Oliveira Vianna.

Key words: historic narratives, Caio Prado Júnior, brazilian historiography

1. Introdução

Este artigo centra-se em um livro apenas dos muitos livros importantes escritos por Caio Prado Jr. Abordaremos algumas partes da obra **Formação do Brasil contemporâneo** (1942), nas quais o autor estabelece um diálogo com outros três importantes autores que escrevem no início do século XX: Capistrano de Abreu, Euclides da Cunha e Oliveira Vianna.

Estes autores produzem suas obras em um período que antecede a escrita da famosa obra de Caio Prado Jr. (a última das publicações selecionadas para este cotejo é a obra de Oliveira Vianna, de 1922). Neste período anterior, no entanto, já estavam colocadas importantes questões sobre a nacionalidade brasileira que reverberam de diferentes formas em **Formação do Brasil contemporâneo**.

Se formos pensar nos grandes intérpretes do Brasil que escreveram suas obras na primeira metade do século XX, a obra de Caio Prado estaria temporalmente situada entre as obras da geração de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda[1]. Antônio Candido, em seu célebre Prefácio à edição de 1967 de **Raízes do Brasil**, "O significado de Raízes do Brasil", situa Caio Prado Jr. justamente como o último autor da famosa tríade de historiadores intérpretes do Brasil a publicar sua obra:

> Os homens que estão hoje um pouco para cá ou um pouco para lá dos cinqüenta anos aprenderam a refletir e a se interessar pelo Brasil sobretudo em termos de passado e em função de três livros: Casa Grande e Senzala, de Gilberto Freyre, publicado quando estávamos no ginásio; Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda, publicado quando estávamos no curso complementar; Formação do Brasil Contemporâneo, de Caio Prado Jr., publicado quando estávamos na escola superior. São estes os livros que podemos considerar chaves, os

> que parecem exprimir a mentalidade ligada ao sopro de radicalismo intelectual e análise social que eclodiu depois da revolução de 1930 e não foi, apesar de tudo, abafado pelo Estado Novo. (CANDIDO, Antônio, 1967, p.9)[2]

Assim, esta é a geração de autores da qual Caio Prado faz parte, e com a qual a geração de Antônio Candido teria aprendido a refletir sobre o Brasil. Mas estas importantes reflexões, que vêm à tona nas décadas de 1930 e 1940, também se relacionam com obras antecedentes, que começam a ser produzidas pela chamada "geração de 1870".[3]

Dentre as obras produzidas por esta extensa geração (no sentido temporal – de 1870 a 1942), que se preocupou com a compreensão da nacionalidade Brasileira, a obra de Caio Prado Jr. se destaca por uma série de fatores. Um deles é a grande preocupação do autor em analisar, descrever, observar e estudar – de maneira sistemática e ordenada – todas as regiões que compõem o país. Euclides da Cunha e Capistrano de Abreu, por exemplo, também têm, em suas obras, descrições extraordinárias, sendo que as de Euclides da Cunha beiram o inimaginável. Capistrano de Abreu, por sua vez, em **Capítulos de história colonial,** ao estudar o roteiro das entradas e bandeiras, acaba nos levando a um passeio pelos tantos rios do Brasil.[4]

Mas justamente por fundamentar-se do materialismo dialético, Caio Prado torna seu texto mais abrangente. Percorre o Brasil não apenas uma, mas várias vezes. Uma vez para tratar da população, dos seus movimentos no interior da colônia. Uma vez para descrever os lugares onde se instalou a grande lavoura, outra para descrever a agricultura de subsistência, outra vez ainda para descrever as minas, as vias de comunicação e transporte, a Amazônia e sua economia extrativista. A economia, a sociedade, a cultura de

todas as partes do país aparecem descritas em **Formação do Brasil contemporâneo**. A lógica do materialismo histórico é assim posta em prática especialmente no contexto da sociedade Brasileira, após o seu estudo intensivo.

O objetivo de Caio Prado é justamente observar um panorama geral da história do Brasil, para dela depurar um sentido:

> Todo povo tem na sua evolução vista à distância, um certo "sentido". Este se percebe não nos pormenores de sua história, mas no conjunto de fatos e acontecimentos essenciais que a constituem num largo período de tempo. Quem observa aquele conjunto desbastando-o do cipoal de incidentes secundários que o acompanham sempre e o fazem muitas vezes confuso e incompreensível, não deixará de perceber que ele se forma de uma linha mestra e ininterrupta de acontecimentos que se sucedem em ordem rigorosa, e dirigida sempre numa determinada orientação (PRADO JR., Caio. 1996 [1942], p. 7).

Segundo o autor, há um momento na história de uma nação em que se torna nítido este sentido que move seu desenvolvimento, que move todas as ações de seu povo e, principalmente, de seus governos. No caso brasileiro, este momento em que nosso sentido aflora seria justamente o final do século XVIII e o início do século XIX; um período de síntese, quando a colonização brasileira chega a seu limite e se torna evidente qual fora, até então, o sentido da colonização:

> Se vamos à essência da nossa formação veremos que na realidade nos constituímos para fornecer açúcar, tabaco, alguns outros gêneros; mais tarde ouro e diamantes; depois, algodão, e em seguida café, para o comércio europeu. Nada mais que isto. É com tal objetivo, objetivo exterior, voltado para fora do

> país e sem atenção a considerações que não fossem o interesse daquele comércio, que se organizarão a sociedade e a economia Brasileiras. (PRADO JR., Caio. 1996 [1942], p. 31).

Se há em Caio Prado o objetivo de encontrar uma formação social que nos constitui, ele a encontra no sentido da colonização. Constituímo-nos voltados para fora de nós mesmos e, segundo o autor, na década de 40 do século XX, ainda não havíamos conseguido reverter este sentido perverso que nos organiza desde a origem. Esta seria, ainda neste momento, a principal característica de uma nacionalidade brasileira pra Caio Prado Jr.

Formação do Brasil contemporâneo, portanto, é uma obra que apresenta, já em suas primeiras páginas, a teoria central do autor. O sentido do livro está expresso no seu capítulo inicial. Todos os outros capítulos, porém, são fundamentais para dar corpo, para dar sentido a esta teoria que já de início nos é anunciada. Assim, após nos apresentar o sentido, o autor nos leva por um extenso percurso através de diferentes regiões e períodos da história do Brasil.

Em capítulos desta obra, tais como "Povoamento" e "Meios de comunicação e transporte", há um esforço por parte do autor em levar seus leitores a um verdadeiro "passeio" geográfico, geológico e sociológico pelo Brasil colonial. Esta visão de conjunto – espécie de panorâmica sobre a colônia, aliada à teoria histórica que Caio Prado denomina "O sentido da colonização" (apresentada no capítulo homônimo), constituem um conjunto de forma e conteúdos complementares. O sentido da colonização se anuncia como uma "forma" do Brasil (não é casual o uso da expressão "formação" no título)[5], enquanto nos capítulos posteriores o autor nos mostra como esta forma se desdobra em diversos aspectos da colonização, ordenando toda a vida material desta.

Justamente nesta tarefa de caracterização, tanto das grandes questões, quanto dos pormenores do Brasil Colonial, Caio Prado recorre a outros importantes autores da sua geração e das gerações que o antecederam. Apresentaremos, a seguir, algumas considerações a respeito dessas intertextualidades[6], que fazem parte dos resultados dessa pesquisa realizada entre os anos de 1999 e 2001, agora parcialmente publicada.

2. Capistrano de Abreu e o compasso das boiadas

Capistrano de Abreu é o historiador mais citado por Caio Prado Jr. Gilberto Freyre também recebe muitas citações, porém nem sempre Caio Prado tende a concordar com o autor pernambucano[7]. Não é o caso de Capistrano. Sua presença em **Formação do Brasil contemporâneo** (doravante, **FBC**) pode ser sentida em pontos muito importantes desta obra, e freqüentemente veremos Caio tomar quase ao pé da letra observações e perspectivas elaboradas por Capistrano em **Capítulos de história colonial.**

Este livro, lançado em 1907 (portanto 35 anos antes da obra de Caio Prado Jr. em questão), levou mais de 30 anos para ser plenamente elaborado por seu autor. Segundo uma carta de Capistrano a Paulo Prado[8], o primeiro teria começado a conceber seu maior projeto aos vinte e um anos, em 1874. Em meio, portanto, ao início das publicações da chamada geração de 1870. Mas a publicação do livro já ocorre em uma fase mais apurada da reflexão sobre o Brasil, para a qual certamente ele contribui muito, acompanhando Euclides no incansável estudo do Sertão e de sua importância na formação nacional.

Em uma observação geral, vemos que há como ponto de partida para o cotejo das duas obras um investimento por parte de seus autores na compreensão de certos pontos da história. Caio Prado, como notamos acima, se vê como um "observador" do Brasil colonial. Tem um interesse desmedido por fatos secundários que ficam tantas vezes escritos em letras diminutas em extensas notas de rodapé, mas que revelam uma reflexão vigorosa sobre assuntos como o vasto consumo de carne de porco, o abatimento para o consumo interno das fazendas, apenas das vacas (pois o boi, sim, era produto de venda), as posições sociais das mulheres e dos homens, os regimes de mutirão para iniciar lavouras, e assim por diante. Ora, são justamente estes aspectos da vida colonial herdados de descrições de cronistas que permitem aos historiadores o exercício da imaginação, e a experiência quase que de um sentimento das coisas que tanto os fascinaram.

Tal procedimento lembra em tudo o de Capistrano de Abreu. Paulo Prado e Sérgio Buarque de Holanda[9], por exemplo, outros autores que também influenciaram a obra de Caio Prado, têm em suas obras um estilo mais ensaístico, que valoriza menos os "detalhes da história"[10] e mais suas teorias sobre tipos sociais ou pulsões que regem a história. Não é o caso de Capistrano de Abreu. Ele deixa a Caio Prado Jr. sobretudo uma atitude historiográfica, uma espécie de herança metodológica. Observar, re-observar diversas vezes certas formas de plantio (Caio Prado bate tantas vezes em teclas como a colonização dos açoreanos em Santa Catarina, ou como o modo de vida dos desclassificados, que parece estar em busca de uma compreensão, mais do que empenhado na explicação para o leitor...), certos tipos de ações, a ponto de nelas se poder ver a razão dos homens que as executavam. É um estilo semelhante de fazer história que notamos entre estes dois autores, mas Capistrano o inaugura décadas antes. Um estilo que se faz presente,

por exemplo, no conhecimento e na citação dos nomes de vários riachos, serras e caminhos do sertão, como se lê na citação de **Capítulos de história colonial:**

> O riacho do Terra Nova e do Brígida facilitaram a marcha para o Ceará. Pelo pontal e pela serra dos Dois Irmãos passaram os caminhos do Piauí. Nem o Parnaíba teve poder para conter a onda invasora: Pastos Bons foi povoado por baianos, e até meados do século XVIII teve comunicação exclusivamente com a Bahia. (ABREU, Capistrano. 2000 [1907] p.151).

A sensação que o leitor desenvolve ao ler esta obra é que o próprio autor, no século XVIII, reuniu seu rebanho, e, junto com outros, seguiu da Bahia em direção ao Ceará, tamanha a quantidade de informações sobre este roteiro. Na obra de Capistrano, assim como na de Caio Prado Jr., transparece um certo entusiasmo narrativo em certos comentários, possui descrições de rara beleza (como uma sobre as boiadas, que veremos a seguir), bem como pitadas de ironia.

Fora isso, há também as influências ainda mais palpáveis para analisarmos. A chamada ocupação do sertão, as formas de vida que surgiam no Brasil que dava as costas à metrópole, os sertões de Dentro e de Fora, e, por fim, o gado são elementos hoje tidos como importantes neste tão descrito processo de formação do Brasil, mas que foram principalmente pelas obras de Capistrano de Abreu e Euclides da Cunha, elevados a esta condição.

Em **FBC**, por sua vez, o sertão é, juntamente com os indivíduos desclassificados da colônia[11], um elemento que ganha importância crescente no interior da obra. Ao longo dos capítulos vemos citações se multiplicarem e vemos sobretudo Caio Prado conferir um lirismo enorme às suas passagens relativas ao povo do sertão.

É na descrição do sertão que muitas vezes o autor acaba deixando sua escrita mais fluida, e seu estilo torna-se mais expressivo – herança, talvez, do interesse e da não economia de palavras com que Capistrano e Euclides da Cunha dedicaram-se ao tema. E não é à toa que estas descrições seguem uma escala crescente de aparições. O sertão acompanha os desclassificados; é o sertão que permite a formação destes indivíduos que contrariam a lógica primária a qual estamos fadados a seguir. Não como forma premeditada de resistência à metrópole, mas apenas como estratégia de sobrevivência, estes homens simplesmente não se integraram à produção em larga escala, aos incansáveis ciclos, e levaram suas vidas tocando boiadas para o abastecimento das cidades brasileiras. São eles também ao mesmo tempo integrados ao e excluídos do Sentido da Colonização.

Muitas passagens do texto de Caio Prado, que analisaremos a seguir, comparando-as com passagens de **Capítulos de história colonial** (doravante **CHC**), poderiam também perfeitamente ser cotejadas com trechos de Euclides de Cunha. Selecionamos algumas para esta parte, e outras para a parte a seguir. Nosso critério foi apenas a semelhança textual e estilística de trechos de **FBC**, ora com passagens encontradas no texto de Capistrano de Abreu, ora com trechos de **Os sertões**. Este trecho, por exemplo, de Caio Prado é inspirado pela obra de Capistrano:

> De ocupação efetiva do interior, à parte o caso excepcional de São Paulo, plantado no início do planalto e arredado da costa, encontramos apenas a marcha progressiva das fazendas de gado no sertão nordestino e a lenta e escassa penetração da bacia amazônica. (PRADO JR.,Caio.1996 [1942], p. 39).

Eis agora uma passagem de **CHC**, que trata a mesma questão, sob os mesmos referenciais:

> Queixam-se os primeiros cronistas de andarem os contemporâneos arranhando a areia das costas como caranguejos, em vez de atirarem-se ao interior. Fazê-lo seria fácil em São Paulo, onde a caçada humana e desumana atraía e ocupava a atividade geral, na Amazônia, toda cortada de rios caudalosos e desimpedidos, com preciosos produtos vegetais, extraídos sem cultura. Nas outras zonas interiores o problema pedia solução diversa.
> A solução foi o gado vacum. (ABREU, Capistrano. 2000 [1907] p.151).

A visão do gado como principal elemento de ocupação do território nacional pode ser considerada uma importante zona de intertextualidade entre a obra de Capistrano de Abreu e o texto de Caio Prado. Antes de discutir este tema, porém, seria importante ressaltarmos uma pequena mas interessante diferença entre as duas abordagens no que diz respeito ao ponto de vista de seus autores sobre a Amazônia. Note-se que o que Caio Prado ressalta é sua "lenta e escassa ocupação". Para Capistrano, a Amazônia é uma terra cortada por rios caudalosos e desimpedidos, com preciosos produtos extrativos. Como veremos na parte a seguir, na qual compara-se a obra de Caio e a de Euclides, a visão de nosso autor aproxima-se muito da descrição euclidiana que aparece na obra **À margem da história**. A Amazônia é vista por estes autores de forma muito mais inóspita com relação à civilização do que para Capistrano, por exemplo.

De qualquer forma, é interessante notar o mesmo recorte, os mesmos elementos elencados nas duas passagens anteriores. O gado exerce para Caio Prado Jr. uma marcha progressiva, ou seja, reflete uma atividade humana que progride nesse mar de estagnação e interesses imediatos que é a colônia. Para Capistrano de

Abreu, é uma solução para a ocupação do sertão, algo finalmente compatível com aquela região. Este autor continua, em sua obra, o texto acima com uma grande lista de qualidades do gado vacum. E assim o gado aparece em ambas as obras. São rebanhos que trazem a povoação, que desviam os bandeirantes de seu sanguinário caminho (muitos se tornam fazendeiros[12]) e que sobretudo trazem o conhecimento sobre como é o interior do Brasil, esta célebre terra ignota:

> Um outro fator, também local, atua no sertão do nordeste, nesta interlândia dos maiores centros agrícolas do litoral da colônia, Bahia e Pernambuco, consumidores de carne que viria dos rebanhos que avançam por aquele sertão e o vão ocupando. (PRADO JR., Caio. 1996 [1942], p. 37).

O sertão vai sendo ocupado pelo gado, algo que Caio Prado ressalta como sendo mais uma qualidade desta atividade, se comparada com a mineração. Pelo ciclo do ouro, nosso autor não demonstra simpatia alguma. Assinala-o como sendo um dos episódios da história em que fica mais patente a lógica colonial. Mas – bem ou mal – há uma estreita relação entre as minas e o sertão onde é criado o gado. Fora este caráter abastecedor, é para o sertão, no manuseio do gado, que seguirão tantos dos faiscadores e desclassificados do ouro quando a febre termina e as minas se esgotam:

> As regiões mineradoras não eram, em conjunto, favoráveis nem à agricultura nem à pecuária. O relevo acidentado, a natureza ingrata do solo se opunham a tais indústrias. Para o abastecimento da população que nelas se adensou, o que se fez com grande rapidez, teve de se recorrer a princípio a territórios não muito próximos. A carne, elemento essencial da

> alimentação da colônia, foi fornecida pelo gado que vinha das fazendas estabelecidas ao longo do curso do médio São Francisco (Bahia). (PRADO JR., Caio. 1996 [1942], p. 57).

Já Capistrano vê uma relação diferente entre a ocupação do sertão pelos rebanhos e as minas, relação esta que em momento algum é citada por Caio. Em **CHC** não é o sertão que decorre das minas, mas sim o oposto:

> Além do sentimento de orgulho inspirado pela riqueza, pelo afastamento de autoridades eficazes, pela impunidade, a criação de gado teve um efeito que repercutiu longamente. Graças a ela foi possível descobrir minas. Desde 1618 o autor dos Diálogos das Grandezas do Brasil dizia que o problema da mineração não consistia em encontrar metais (...) O problema na verdade consistia na dificuldade de alimentar os mineiros. (ABREU, Capistrano. 2000 [1907] p.158).

Capistrano não tinha a mesma aversão que demonstrava Caio Prado com relação à atividade mineradora. Na obra deste primeiro autor, notamos uma outra abordagem. Em seu Capítulo "O Sertão", do qual se extraiu a grande maioria das passagens citadas neste artigo, a mineração leva consigo um caráter positivo por ser responsável pelo conhecimento do sertão. Sua obra, nesse aspecto, adquire um caráter mais épico, ausente em **FBC** (por uma opção ideológica e mesmo historiográfica de seu autor). São narradas as expedições de Bartolomeu Bueno, de Fernão Dias e seu filho, o gosto que tinha o rei de Portugal pelos paulistas, a penosa vida em Cuiabá, e tantos episódios vividos por clérigos e, na sua maioria, por paulistas plenos de orgulho e cobiça.

Caio Prado, por sua vez, tinha em comum com Capistrano de Abreu uma aversão com relação aos bandeirantes, caçadores "desu-

manos de humanos". Mas, curiosamente, atribui a eles características positivas de participação na exploração de São Paulo e do sertão, que não atribui em momento algum à atividade mineradora.

> Isto serve para ilustrar a forma que tomou a dispersão mineradora; de tão brusca e violenta que é, até perde contato com as fontes de onde brotou. Coisa muito diversa se passa com a penetração levada pelas fazendas de gado. Dos seus focos, cujo principal é a Bahia, as fazendas, e com elas o povoamento, vão se espairando paulatinamente para o interior. A sua expansão é por contigüidade, e as populações fixadas no sertão conservam um contato íntimo e geograficamente contínuo com seu centro irradiador. (PRADO JR.,Caio.1996 [1942], p. 55).

Os referenciais geográficos, por sua vez, são uma unanimidade entre os autores (a concordância, logicamente, parte sempre de Caio com relação a Capistrano). A Bahia, tendo como ponto de partida o médio São Francisco, é o ponto irradiador de boiadas. Vejamos a seguinte passagem de Capistrano:

> A criação de gado primeiro se desenvolveu nas cercanias da cidade de Salvador; a conquista de Sergipe estendeu-se à margem direita do São Francisco. Na outra margem veio dar menos forte e menos acelerado movimento idêntico partindo de Pernambuco (...).
> Foi o gado acompanhando o curso do São Francisco. O povoado maior, a Bahia, atraiu todo o da margem meridional, que para lá ia por um caminho paralelo à praia, limitado pela linha dos vaus. (ABREU, Capistrano. 2000 [1907] p.151).

Capítulos de história colonial trata de dois movimentos de povoamento do Sertão ligados ao gado. Caio Prado toma ao pé da

letra conceitos como este, mostrando a importância deste autor em sua obra. O que veremos a seguir representa um dos poucos diálogos diretos entre outros autores que vemos fora das notas de rodapé, em **FBC**:

> Tudo isto, que se pode considerar sertão baiano porque é daí, em última instância, que partem os povoadores e suas fazendas de gado, e se estabelecem as comunicações, constitui o que Capistrano denominou com muita propriedade o "Sertão interior", para distingui-lo do outro, o pernambucano, que seria o "externo"[13]. (PRADO JR., Caio.1996 [1942], p. 62-3.).

Na questão dos hábitos alimentares em diferentes regiões da colônia, é a Capistrano também que nosso autor recorre. Em tantas outras partes de **FBC**, referências a costumes, como esta a seguir, são herança direta de **CHC.**

> Capistrano, observando esta maior predominância do milho na alimentação meridional, considera o emprego deste cereal como traço cultural que indica a influência paulista do sul. E ligando o consumo habitual do milho ao monjolo que se usa na pilação, associa-o aos lugares de águas correntes que acionam aquele aparelho. Nos Sertões do norte, onde a água é escassa, o mungunzá, que corresponde à canjica de milho paulista, só se usava nas casas-grandes, com escravos para a pilação. Esta associação de Capistrano é sumamente interessante; mas é preciso considerar outros fatores que contribuem para a maior difusão relativa do milho e da mandioca. (PRADO JR., Caio.1996 [1942], p. 166).

Mas é realmente o estudo das boiadas o maior legado de um autor ao outro. O gado é responsável em ambas as obras pelo de-

senvolvimento de passagens poéticas, de uma fluidez extraordinária, como a passagem a seguir:

> Mas se não a mais grandiosa e dramática, é a pecuária pelo menos a mais sugestiva para nossos olhos de hoje. Porque ela ainda aí está, idêntica ao passado, nestas boiadas que no presente como ontem palmilham o país, tangidas pelas estradas e cobrindo no seu passo lerdo as distâncias imensas que separam o Brasil; realizando o que só o aeroplano conseguiu em nossos dias repetir: a proeza de ignorar o espaço. Há séculos esta cena diuturna se mantém em todo país e neste longo decurso de tempo não se alterou; as mesmas boiadas que seu primeiro cronista (Antonil) descreve com tão vivas cores, poderiam ressurgir hoje a atravancarem as estradas para maior desespero dos automobilistas: estes não notariam diferença. (PRADO JR., Caio.1996 [1942], p.187).

As boiadas que ignoram o tempo são descritas por Caio Prado com uma poesia equivalente à de Euclides da Cunha. São boiadas que vão e vêm, em um movimento serpenteante, barroco, dando voltas no país. Alimentaram a sociedade monocultora das grandes propriedades escravistas, os mineradores empenhados apenas na busca do ouro. A partir do sertão, alimentaram as cidades, e aqueles que se voltavam apenas para as funções lucrativas para a metrópole, e que portanto não produziam seu sustento. Em **FBC** vemos as boiadas com uma função auxiliar do Sentido da Colonização, ao mesmo tempo em que o contrariavam, pois os vaqueiros eram também exemplos de trabalhadores pagos em meio a uma ordem escravista, exercendo uma atividade comercial interna em meio à colônia onde todo comércio deveria ser feito com sua metrópole.

As descrições que vemos nas duas obras nos deixam sempre a impressão de que boiadas guiam os homens rumo à ocupação do

sertão, o interior de uma colônia voltada para o exterior. Sempre lentamente, levando meses para atravessar paragens, à mercê da natureza, sendo obrigadas a, por vezes, dar enormes voltas para desviar de trechos turbulentos de rios. O conjunto de bois, pessoas e às vezes eqüinos adquire ritmo próprio, uno. Atrás destes, formam-se ranchos de pouso, resquícios de civilização nestes meandros do Brasil. É o "compasso do gado" de que nos fala Capistrano neste também belo trecho:

> Ao compasso do afastamento do gado, novas passagens e novos caminhos iam sendo trilhados. Basta citar o de Jacobinas e a passagem do Juazeiro, pelo qual pautou-se uma estrada de ferro. Com o crescimento de Cachoeira e o impulso do plantio de fumo, abriu-se um ramal importante em busca do Baixo Paraguassu. (ABREU, Capistrano. 2000 [1907] p.152).

A boiada com seu ritmo lerdo, pausado, tem o compasso que lembra muito este tom geral de vida frouxa que caracteriza o país descrita por tantos cronistas[14]. A propósito de cronistas, esta é sem dúvida uma das maiores influências que Capistrano lega ao nosso autor. Adquire uma importância central na obra de Caio Prado Jr. um texto anônimo do fim do século XVIII, **Roteiro do Maranhão a Goiás pela Capitania do Piauí.**[15] Este texto, que traz um relato bem acabado da economia colônia, foi publicado em 1902 pela **Revista do IHGB** justamente a pedido de Capistrano de Abreu. Ambos autores consideram este texto anônimo, pouco conhecido, como uma grande referência para a história da colônia. Além disso, o **livro Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas,** de Antonil (pseudônimo utilizado pelo padre João Antônio Andreoni L.) é, como vemos na última citação de Caio Prado, e também em várias partes da obra de Capistrano[16], uma

das principais referências para estas muitas páginas que ambos os autores dedicam ao sertão, ao gado, às minas. A seguinte passagem é ilustrativa disto:

> Para obrigar os bois na água a seguirem o rumo certo, concebeu-se o engenhoso ardil empregado no Nordeste, fruto, no dizer de Capistrano, de um "gênio anônimo", e que consistia em se cobrir um dos tocadores de uma cabeça postiça de boi e efetuar a travessia fazendo as vezes de madrinha. Este processo não era conhecido no sul, e Saint-Hilaire viu na travessia do Paraíba perderem-se muitos animais que se deixavam levar pela correnteza abaixo. (PRADO JR.,Caio.1996 [1942], p.257, nota 44).

Nesta nota, Caio Prado herda de Capistrano não só a valorização da pecuária como forma de ocupação mas também todo este interesse pelo folclore e cultura popular. O nosso autor a cita como sendo um exemplo dado por Capistrano. Na obra de Capistrano, no entanto, vemos este mesmo trecho do homem que se disfarça de boi, porém nos damos conta de que a descrição original deste hábito é na verdade a de Antonil:

> Sobre as [boiadas] que iam para a Bahia escreve o seguinte André João Antonil, anagrama do benemérito jesuíta João Antônio Andreoni:
> "Constam as boiadas que ordinariamente vêm para a Bahia, de cem, cento e cinqüenta, duzentas e trezentas cabeças de gado. (...) Nas passagens de alguns rios, um dos que guiam a boiada, pondo uma armação de boi na cabeça e nadando, mostra às reses o vau por onde hão de passar". (ABREU, Capistrano. 2000 [1907] p.155)

Os homens vestem-se de bois. Ser um vaqueiro, como vemos no texto de ambos os autores, passa a ser um denominação honorífica no Brasil[17]. Mas para ser vaqueiro é preciso viver com os bois, dormir tantas noites no pasto, principalmente as de chuva e trovoada, quando, segundo a tradição popular, a maioria dos bezerros costuma nascer. Os vaqueiros passam quase a falar como bois, chamando seu gado com o lento pronunciar de vogais, que lembra tanto o mugido, hábito ainda hoje observado em fazendas do interior. Mas o papel fundamental do vaqueiro, assinalado por Caio Prado Jr., é que ele, muitas vezes mulato, negro ou índio, constitui, como já dissemos, uma das poucas parcelas de trabalhadores que recebe, ainda que "em espécie", por seu trabalho.

As boiadas, tão ressaltadas por Capistrano de Abreu, adquirem em **FBC** uma nova importância, ligada ao cerne de sua teoria. São mais um desdobramento do Sentido da Colonização que o contradiz.

3. A natureza anímica do Brasil em Euclides da Cunha e Caio Prado Jr.

Com relação à obra de Euclides da Cunha, encontramos em um cotejo entre a obra destes autores tanto semelhanças estilísticas quanto intertextualidades que dizem respeito ao conteúdo de seus textos. Uma importante característica estilístico-descritiva que Caio Prado teria herdado de Euclides da Cunha seria a atribuição de vida e de vontade própria à natureza compõe este país. Esta frase é exemplar desta natureza anímica:

> A estas circunstâncias favoráveis, quis a natureza acrescer um território litorâneo avantajado... (PRADO JR.,Caio.1996 [1942], p.41).

A natureza quis que o homem habitasse aquele pedaço do litoral nordestino descrito em **Formação do Brasil contemporâneo**. Este trecho da obra de Caio Prado guarda semelhanças m passagens de **Os sertões** (doravante **OS**), como esta:

> A terra sobranceia o oceano, dominante, do fastígio das escarpas; e quem a alcança, como quem vinga a rampa de um majestoso palco, justifica todos os exageros descritivos (...) que fazem deste país região privilegiada, onde a natureza armou sua mais portentosa obra. (CUNHA, Euclides. 1988 [1902] p. 18).

Na obra dos dois autores, a natureza brasileira exerce um papel decisivo sobre a civilização. É um agente histórico e por isso também algo que, no caso brasileiro, representa uma enorme força ainda indomada pelo homem, e um grande trunfo desta nação.

Onde a natureza permitiu ser ocupada, ela o foi. Por isso, em **FBC**, o capítulo que se refere ao povoamento humano ("Correntes de Povoamento") parte de uma descrição geográfica, topográfica e hidrográfica da terra. A natureza de Caio Prado é tão ou mais anímica que a de Euclides da Cunha. E a descrição de tal natureza na obra do primeiro autor herda muitos traços estilísticos e narrativos do segundo. A natureza é decisiva também em vários outros capítulos de **Formação do Brasil Contemporâneo**. "Correntes de Povoamento", "Produções Extrativas", "Vias de Comunicação e transporte" são exemplos de partes da obra que derivam da natureza e que se desenvolvem

a partir da sua descrição. Nestas partes, o homem é "acrescentado" por Caio Prado como uma peça sobre este tabuleiro, na mesma ordem que Euclides dá a seus capítulos – primeiro "A terra" e depois "O Homem".

É importante ressaltar que é a natureza brasileira que aparece na obra dos dois autores como esse elemento prodigioso. Natureza e nacionalidade estariam amalgamadas, e a segunda tem na primeira seu grande trunfo. A passagem de Euclides da Cunha citada acima, em que o autor nos fala do Brasil como *região privilegiada, onde a natureza armou sua mais portentosa obra*, relaciona-se ainda, por exemplo, com a passagem seguinte de **Formação do Brasil Contemporâneo:**

> Só se enxergava uma perspectiva: a remuneração farta do capital que a Europa aqui empatara. A terra era inexplorada e seus recursos, acumulados durante séculos, jaziam à flor do solo. (PRADO JR.,Caio.1996 [1942], p.41).

Ambas as citações dizem respeito a um imenso poder, ainda por ser "domado", da natureza brasileira. Este poder — se e quando finalmente formos capazes de utilizar a serviço da nação, nos poderá dar chance de mudar a rota trágica descrita nas duas obras em que o Brasil está posicionado. Há talvez em Caio Prado um ímpeto similar ao de Euclides de tornar-se o historiador capaz de, nas palavras de Edgar de Decca, realizar a tarefa de *arrancar a máscara da civilidade por trás da qual se escondia, com extrema hipocrisia, a barbárie nacional*[18] e explicitar o mau uso secular que este arremedo de civilização e barbárie tem feito de toda a riqueza contida neste pedaço do planeta.

Mas se há uma região ainda mais indomável do Brasil que exerce um fascínio descritivo sobre os dois autores esta é a

Amazônia. Presentes na obra de Euclides **À margem da história** ("Terra sem História" 1909) e em **FBC**, no capítulo sobre produções extrativas, as descrições sobre a Amazônia, dos dois autores, guardam incríveis semelhanças. Vejamos a seguinte passagem, de Caio Prado Jr.:

> É certo que a agricultura se procurou estabelecer, e não faltaram, neste sentido, esforços da administração e dos colonos mais esclarecidos, que percebiam a necessidade de uma base mais sólida de riqueza que a precária indústria extrativa que praticavam. Mas para isto não bastava a boa vontade. Na mata espessa e semi-aquática que borda a bacia do grande rio; em terreno submetido a um regime fluvial cuja irregularidade, com o volume enorme de águas que arrasta, assume proporções catastróficas alagando áreas imensas, os igapós, deslocando grandes tratos de solo que são arrancados à margem e arrastados pela correnteza; Esta remodelação fisiográfica ininterrupta de um território longe ainda de qualquer forma de equilíbrio, o Homem se amesquinha, se anula. A luta requer esforços quase ilimitados, se quiser ir além da dócil submissão às contingências naturais. (PRADO JR.,Caio.1996 [1942], p.212).

Há uma grande semelhança no recorte, nos termos, no enfoque que Caio Prado dá à questão da Amazônia com a passagem que Euclides da Cunha escreve décadas antes, como se observa nos trechos abaixo:

> A impressão dominante que tive, e talvez correspondente a uma verdade positiva, é esta: O Homem, ali, é ainda um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido – Quando a natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão. E encontrou uma opulenta desordem (...) Os

> mesmos rios ainda não se firmaram nos leitos; parecem tatear uma situação de equilíbrio derivando, divagantes, em meandros instáveis, contorcidos em sacados, cujos istmos a revezes se rompem e se soldam em desesperadora formação de ilhas e de lagos de seis meses, até criando formas topográficas novas em que estes dois aspectos se confundem. (CUNHA, Euclides. 1999 [1909], p.2).

> O rio, multífluo nas grandes enchentes, vinga as ribanceiras e desafoga-se nos plainos desimpedidos. Desarraiga florestas inteiras, atulhando de troncos e esgalhos as depressões numerosas da várzea; nos remansos da planícies inundadas, decantam-se-lhe as águas carregadas de detritos, numa colmatagem plenamente generalizada. Baixam as águas e nota-se que o terreno cresceu; e alteia-se de cheia em cheia, aprumando-se as barreiras altas, exsicando-se os pantanais e "igapós", esboçando-se os "firmes" ondeantes, para logo invadidos da flora triunfal (...) Até que num só assalto de enchente, todo esse delta lateral se abata. (CUNHA, Euclides. 1999 [1909], p.8).

O rio de Caio Prado é sem dúvida o mesmo de Euclides. Sua instabilidade alagadiça, o enorme volume de águas que nos dois autores culmina em uma mesma conclusão: o homem é ali um intruso. E dessa inadaptabilidade do homem sedentário ao rio deriva, nas duas obras, a inadaptabilidade do rio à nação. Não há civilização coesa baseada no trabalho que se adapte a tamanha instabilidade natural. Este enfoque – é importante ressaltar – não era unanimidade entre os escritores que influenciaram Caio Prado. Conforme analisamos anteriormente, Capistrano de Abreu, que também colabora com a "formação" da obra em questão, fala da Amazônia como região *toda cortada de rios caudalosos e desimpedidos*; seria um pedaço do interior do Brasil mais fácil de ser ocupado do que o agreste sertão.

Caio Prado, no entanto, vê como única possibilidade de relação entre a civilização e o rio uma luta de esforços ilimitados. Segue assim, próximo à perspectiva euclidiana, descrevendo a tentativa inócua de ocupação da região:

> Os resultados que apresenta são, em conjunto, parcos. A instabilidade e incerteza de vida que aquelas formas de atividade determinaram; o complexo problema da assimilação de grandes massas indígenas que indiretamente provocam, fazem da colonização amazonense muito mais que uma aventura, que a constituição de uma sociedade estável e organizada. Os caracteres gerais da colonização brasileira, esta empresa exploradora dos trópicos, se revelam aí em toda sua crueza e brutalidade. Não viriam atenuá-los, como em outras partes da colônia, elementos paralelos e concorrentes que frutificariam com o tempo, dando formas sociais mais orgânicas e elevadas. A evolução brasileira, de simples colônia tropical para nação, tão difícil e dolorosa, e cujo processo mesmo em nossos dias ainda não se completou, seria lá muito retardada. A Amazônia ficou, neste sentido, muito atrás das demais regiões ocupadas e colonizadas do território brasileiro. (PRADO JR.,Caio.1996 [1942], p.215).

São grandes as semelhanças descritivas entre os textos de Caio Prado e passagens do texto de Euclides da Cunha. A instabilidade do rio de Caio corresponde à volubilidade retratada por Euclides, e daí deriva a visão da inadaptabilidade da Amazônia ao processo de formação nacional nos dois textos. Vejamos a seguinte passagem de "Terra sem História":

> Neste ponto, o rio que sobre todos desafia nosso lirismo patriótico, é o menos brasileiro dos rios. É um estranho adversário entregue dia e noite à faina de solapar a sua própria terra.

> A volubilidade do rio contagia o homem. No Amazonas, em geral, sucede isto: o observador errante que lhe percorre a bacia em busca de variados aspectos, sente, ao cabo de centenares de milhas, a impressão de circular no itinerário fechado, onde se lhe deparam as mesmas praias ou barreiras, ou ilhas, e as mesmas florestas e igapós estirando-se a perder de vista pelos horizontes vazios; o observador imóvel que lhe estaciona às margens sobressalteia-se, intermitentemente diante de transfigurações inopinadas. Os cenários, invariáveis no espaço, transmudam-se no tempo. Diante do homem errante, a natureza é estável; e aos olhos do homem sedentário que planeie submetê-la à estabilidade das culturas, aparece espantosamente revolta e volúvel, surpreendendo-o, assaltando-o por vezes, quase sempre afugentando-o e espavorindo-o.
> A adaptação exercita-se pelo nomadismo.
> Daí, em grande parte a paralisia completa das gentes que ali vagam, há três séculos, numa agitação tumultuária e estéril. (CUNHA, Euclides. 1999 [1909], p.12).

A Amazônia torna-se um entrave para o processo de evolução da colônia. Se o processo é lento no restante do país, aí se encontra ainda mais retardado. A instabilidade é a grande característica ressaltada em ambos os textos. Esta instabilidade que contagia o homem, que o convida ao nomadismo como única forma de sobrevivência, que age como um lento veneno sobre aqueles que lá visam estabelecer-se. Ao nomadismo corresponde o extrativismo como forma de sobrevivência. Essa atividade não traz consigo possibilidade alguma de atenuar o Sentido da Colonização através do implemento mínimo de qualquer organização social minimamente evoluída. Por isso mesmo, é esta região amesquinhadora do homem que dá vazão à manifestação mais crua do Sentido da Colonização. Vemos no capítulo "Produções extrativas" muitas descrições que confirmam esta afirmativa.

Podemos notar, no entanto, que nas citações diretas que Caio faz, em meio a seu texto, a Euclides da Cunha, é sempre o Euclides de **OS** que é citado. Não podemos garantir, apesar de haver sérias possibilidades, que Caio tenha efetivamente entrado em contato com o texto que cotejamos. Mas mesmo em **OS** vemos Euclides, embora muito mais discretamente, manifestar este mesmo ponto de vista sobre a Amazônia:

> Ali, no pleno dos estios quentes, quando se diluem, mortas nos ares parados as últimas lufadas de leste, o termômetro é substituído pelo igrômetro na definição do clima. As existências derivam numa alternativa dolorosa de vazantes e enchentes dos grandes rios. Estas alteiam-se sempre de um modo assombrador. O Amazonas refeito salta fora do leito, levanta-se em poucos dias o nível das águas, de dezessete metros...
> A enchente é uma parada na vida. Preso nas malhas dos igarapés, o homem aguarda, então, com estoicismo raro ante a fatalidade incoercível, o termo daquele inverno paradoxal de temperaturas altas. (CUNHA, Euclides. 1988 [1902] p. 69).
> Tal regime acarreta o parasitismo franco. O homem bebe o leite da vida sugando os vasos túmidos das sinfonias. (CUNHA, Euclides. 1988 [1902] p. 70).

É importante refletirmos sobre a opinião de Caio, face à de Euclides, com relação ao maior rio do planeta. Na primeira leitura que fazemos da questão amazônica nestes textos, vemos dois autores extremamente preocupados, que chegam a insultar a natureza desse pedaço do planeta (tais insultos derivam, talvez, da falta de respostas possíveis, e da preocupação – principalmente por parte de Caio Prado[19] – quanto ao que esta terra misteriosa pode gerar para o país). "*Amesquinhadora* do homem, *volúvel, dolorosas vazantes*", são alguns dos adjetivos e metáforas usados nestes textos;

ao contrário, por exemplo, de Capistrano de Abreu, que ressalta a caudalosidade dos rios amazônicos.

Mas o insulto certamente não esconde um enorme fascínio descritivo. A questão amazônica gera nos dois textos interessantes metáforas. Aliás, vemos aí uma possível confirmação da herança de Caio Prado relativa ao texto de Euclides da Cunha, "Terra sem História". O aparato metafórico do qual o autor se vale para a descrição da Amazônia corresponde tal e qual a muitas das imagens que aparecem nas passagens que aqui recortamos. Vejamos alguns exemplos: Na primeira citação do texto de Caio Prado sobre o tema, é a luta a grande metáfora que o autor usa para descrever a ocupação da Amazônia, dando a ela um tom de total literalidade: *A luta requer esforços quase ilimitados, se quiser ir além da dócil submissão às contingências naturais*.[20] A luta é também figura presente na obra de Euclides, e também funciona, dentro do texto "Terra sem História", como algo literal: *o rio que sobre todos desafia nosso lirismo patriótico, é o menos brasileiro dos rios. É um estranho adversário* [21]. É como se o Amazonas euclidiano desafiasse o homem a uma luta. E é sem dúvida adversário superior, que luta também com suas próprias margens: *O rio, multífluo nas grandes enchentes, vinga as ribanceiras* (...) *Até que num só assalto de enchente, todo esse delta lateral se abata.*[22] O rio se vinga da terra que procura tomar espaço em seu leito, e, como em uma luta de boxe, nocauteia em um só assalto as terras que o circundam.

O motivo desta luta entre Amazônia e homem é, nos dois textos, o mesmo. No texto de Caio Prado, vemos a metáfora da Amazônia como um mundo em um estágio primordial de evolução, em que, certamente, o homem não estaria preparado para surgir. A Amazônia aparece como algo pré-humano, testemunha de um tempo em que a terra ainda não se organizou, não entrou em equilíbrio: *nesta remodelação fisiográfica ininterrupta de um*

território longe ainda de qualquer forma de equilíbrio, o homem se amesquinha, se anula.[23] O desequilíbrio da Amazônia na obra de Caio Prado, aliás, corre tal e qual o desequilíbrio e a instabilidade de toda colônia, que se desenvolve de ciclo em ciclo, às margens de suas necessidades internas. Certamente, na metáfora amazônica de Euclides também há um nexo com a civilização que se desenvolve no Brasil. Vemos, na sua narrativa, o mesmo motivo vigoroso para a luta em que se lança o Amazonas contra seus ocupantes. Este pedaço da terra é também, no texto de Euclides, algo que não pertence ao tempo em que os homens habitam o planeta. É algo que os precede, uma terra em desordem natural: *O Homem, ali, é ainda um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido – Quando a natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão. E encontrou uma opulenta desordem.*[24] Notamos assim, em Euclides, a mesma imagem: a Amazônia como território pré-histórico, ou melhor, pré-humano. Esta imagem está relacionada à metáfora da luta entre homem e rio, rio e margem. Ou melhor, dela decorre a derrota do homem – trata-se de um território que ainda não está preparado para recebê-lo e que por isso o repele (daí que no texto de Caio Prado o homem se amesquinha e se anula, e no texto de Euclides ele é um intruso impertinente). Ora, esta caracterização tão parecida, através de imagens que são praticamente as mesmas, representa provavelmente uma incorporação, por parte de Caio, deste texto de Euclides – além de **Os sertões** que, como veremos, é citado diretamente.

Dando continuidade ao cotejo entre os textos, vejamos agora outro aspecto que merece atenção. O fascínio descritivo pelo Sertão e seus habitantes suplanta ainda nas duas obras o tema amazônico. Sua natureza é tão cheia de hecatombes quanto a Amazônia. Não a água mas, como se sabe, a falta dela é a peculiaridade periódica desse território geográfico e cultural

chamado Sertão. Para o Sertão, no entanto, o homem muitas vezes "quase-branco" (ao menos lá ainda há na população traços de colonizadores; eles não desaparecem, como na Amazônia) conseguiu dar uma resposta civilizatória. Esta resposta, nas palavras de Capistrano, foi o gado (ainda que a civilização que emerge no agreste junto com o gado seja a mais tosca possível). E é na descrição da população sertaneja que vemos belos trechos de Caio, tão em sintonia com os adjetivos que Euclides antes lhe atribuíra.

> Todas estas vias que se destinam sobretudo, como notei, à condução de gado, (...) Mas além desta função, elas tiveram outra de grande relevo na história da formação brasileira. Elas articulam o sertão, e ligam intimamente as populações aí estabelecidas (...) As vias de comunicação descritas contribuem para caldear e fundir todos elementos díspares que entraram na composição da população sertaneja e que, provindos originalmente de pontos diversos e largamente afastados, se foram aos poucos comunicando e pondo-se em contato. As estradas que vimos marcam na carta as grandes linhas ao longo das quais se desenvolveu tal processo de caldeamento e fusão, do qual resultaria o tipo étnico que embora oriundo de raças tão distintas e variando consideravelmente de um para outro indivíduo, guarda contudo, no conjunto, uma unidade inconfundível que se marca dentro da própria população brasileira. (PRADO JR., Caio.1996 [1942], p.243).

As páginas de Euclides, além de também falarem ao leitor sobre tantas coisas "vistas", estão repletas de termos como "fusão" e "elementos díspares" quando se referem à população desta região. São uma fonte de inspiração para Caio Prado Jr., como vemos nas passagens de **OS** transcritas a seguir:

> Entretanto a observação cuidadosa do sertanejo do norte mostra atenuado esse antagonismo de tendências e uma quase fixidez nos caracteres fisiológicos do tipo emergente.
> (...) A verdade, porém, é que todo elemento étnico forte "tende a subordinar ao seu destino o elemento mais fraco ante o qual se acha", encontra na mestiçagem um caso perturbador. (CUNHA, Euclides. 1988 [1902] p. 95).
> É que neste caso a raça forte não destrói a fraca pelas armas, esmaga-a pela civilização.
> Ora nossos rudes patrícios dos Sertões do norte forraram-se a esta última. O abandono em que jazeram teve função benéfica. Libertou-os da adptação penosíssima a um estádio social superior, e simultaneamente evitou que descambassem para as aberrações e vícios dos meios adiantados.
> A fusão entre eles operou-se em circunstâncias mais compatíveis com os elementos inferiores. O fator étnico preeminente transmitindo-lhes as tendências civilizatórias não lhes impôs a civilização. (CUNHA, Euclides. 1988 [1902] p. 96).

Euclides da Cunha, como muitos homens de seu tempo, herda conceitos como o de hierarquia inter-raças. Mas por ora não pretendemos discutir este aspecto que se percebe na passagem acima. O que nos interessa profundamente é sobretudo a terminologia, a idéia do sertão como lugar que dá origem ao mais bem acabado processo de miscigenação, pois a fusão é o que dá homogeneidade aos elementos. O sertanejo é, segundo estes autores, um tipo característico, fruto do isolamento de três séculos de indivíduos das três raças. Caio nos fala dele como portador de uma unidade inconfundível dentre a população brasileira. Este processo de fusão, no entanto, é ainda mais característico pelo fato que vemos na passagem selecionada referente à p. 96 de **OS**. Dada a natureza

áspera do sertão, são os elementos étnicos inferiores (entenda-se menos civilizados) que sobressaem.

Euclides é um crítico da civilização. Escreve ele ainda no texto citado acima de **Os sertões:** *Estamos condenados à civilização. Ou progredimos ou desaparecemos.*[25]

Ora, para este autor a civilização não é travestida de adjetivos superiores, é uma condenação, um fardo. No sertão, porém, a adaptação ao meio faz do homem um tosco. Cria-se um outro tipo de civilização, baseada não na razão mas na força, e em outras características peculiares. É este um tema praticamente já delineado por Euclides, que Caio reproduz em passagens interessantes como a que segue:

> O sertão constituiu sempre, de fato, refúgio para negros e mestiços provindos do litoral: escapos da justiça, que sobre eles pesava mais que sobre as outras categorias da população, ou recalcados pelo regime de vida desfavorável que lhes proporcionam os centros mais ativos e policiados da costa. O sertão oferece a liberdade, o afastamento de uma autoridade incômoda e pesada. Aí a lei é a do mais forte, do mais capaz, e não a de classes favorecidas. Representa por isso uma válvula de escapamento para todos elementos inadaptáveis ou inadaptados que procuram fugir à vida organizada dos grandes centros de povoamento da colônia. (PRADO JR., Caio.1996 [1942], p.113-4).

No sertão podem dominar aqueles que em outras partes da colônia são dominados. A população que lá se encontrava no século XIX tinha suas próprias leis. A idéia de "válvula de escapamento" corresponde a certas idéias contidas neste trecho da obra de Euclides da Cunha, que pode ser considerado outra provável fonte de inspiração para **FBC**:

> Ora, toda essa população perdida num recanto dos Sertões lá permaneceu até agora, reproduzindo-se livre de elementos estranhos, como que insulada, e realizando, por isso mesmo, a máxima intensidade de cruzamento uniforme capaz de justificar o aparecimento de um tipo mestiço bem definido, completo. Enquanto mil causas perturbadoras complicavam a mestiçagem no litoral revolvido pelas imigrações e pela guerra; e noutros pontos centrais outros empeços irrompiam no rastro das bandeiras – ali a população indígena, aliada aos raros mocambeiros foragidos. (CUNHA, Euclides. 1988 [1902] p. 90).

No interior do Brasil, o sertão representa, nos dois textos, um isolamento insular (uma redundância, aliás), oceânico. Parece mesmo menor a distância de um oceano – o atlântico – que separa a metrópole e o litoral mais civilizado da colônia, do que a distância que separa este trecho da colônia do Sertão. A população, portanto, que reproduz-se neste isolamento, afastada dos grandes pólos, torna-se como que uma categoria à parte dentro da colônia. Uma espécie endêmica, que evoluiu isoladamente, e que por isso tomou caracteres próprios. Os dois autores descrevem a população sertaneja como algo que se forma a partir de uma combinação de elementos próprios – alguns comuns ao restante da colônia, outros absolutamente singulares – e que ao longo dos séculos toma características especiais, decorrentes desta somatória de foragidos, índios, e a terra áspera. É uma formação dentro do Brasil em formação, uma dobra no interior na colônia dobrada para fora de si.

E se o sertão, nos dois livros, representa um refúgio, sobretudo para desclassificados sociais, é ele também integrado na ordem civilizatória, a sua *válvula de escape*. Este termo, no texto de Caio Prado, nos traz à mente a imagem da sociedade brasileira (no caso a colonial) como panela de pressão, motor em explosão, dique prestes a rachar. A necessidade da válvula de escape é sintoma da desagregação iminente.

4. Nebulosas e Asteróides: referências a F. J. Oliveira Vianna

Um dos textos que talvez mais tenha influenciado alguns aspectos analíticos e discursivos de **Formação do Brasil contemporâneo** é a obra de Oliveira Vianna, **Populações meridionais do Brasil**[26], cuja primeira edição data de 1922. Antes de mais nada, é preciso ressaltar que existem diferenças político-ideológicas e historiográficas muito grandes entre os dois autores. Ao ler a obra de Vianna, chama-nos atenção em primeiro lugar o sincero deslumbramento, o tom elogioso com que o autor descreve os dirigentes dos domínios rurais do sudeste – os paulistas por sua aristocracia, os mineiros por seu tom democrático e os cariocas, senhores cultos, letrados, vivendo no IV século da colonização próximos à corte aqui estabelecida.

Os senhores rurais do sudeste são descritos em **Populações meridionais do Brasil** como portadores de altíssimas qualidades morais, dotados de poder e respeito pela temperança com que conseguem administrar centenas de vidas sob seu domínio. *A família fazendeira, tal como nos aparece no IV século, é realmente a mais bela escola de educação moral do nosso povo.*[27]

Para este autor, o senhor de engenho é um verdadeiro aristocrata, dono de uma mentalidade própria. Ele representa na história do Brasil uma classe superior: *Essa aristocracia se constitui como veremos o centro da polarização dos elementos arianos da nacionalidade*[28]. A escravidão, por sua vez, é vista na ótica do autor como uma necessidade imposta aos primeiros corajosos sesmeiros, que não dispunham de mão-de-obra livre para tocar o grande empreendimento agrícola que é o engenho de cana. A abolição, por sua vez seria um "golpe" a esta tão nobre classe. O índio é caracterizado pela sua *indolência e indomesticabilidade*[29]. Existe

ainda nesta obra uma série de comentários sobre os mestiços, os agregados e pequenos produtores rurais, que deixam transparecer pontos de vista do autor com os quais Caio Prado certamente não concordaria. Muitas relações sociais são explicadas por O. Vianna simplesmente por características psicológicas ou supostamente decorrentes de elementos somáticos.

Assim, partiremos para uma comparação entre a obra citada de O. Vianna e **Formação do Brasil contemporâneo**. Certamente, não são as opiniões do primeiro autor, como as listadas acima, que Caio Prado Jr. incorpora a seu texto. São, sobretudo, sugestões do ponto de vista analítico – elementos de análise social muito bem desenvolvidos em **Populações meridionais do Brasil** que vemos reaparecer quase idênticos em **FBC**. Essas sugestões analíticas traduzem-se sobretudo na montagem de metáforas organicistas como forma eficiente de compreender a sociedade colonial. Principalmente a Física e a Botânica fornecem elementos que servem aos dois textos como base de análise, por exemplo, para o povoamento do Brasil colonial. O. Vianna discorre em sua introdução sobre sua escolha consciente pelo recurso às ciências naturais como forma de compreensão da história:

> É preciso que varias ciencias, auxiliares da exegese histórica, completem com seus dados as insufficiencias ou obscuridades dos textos documentários, ou expliquem pelo mechanismo das suas leis poderosas aquilo que estes não podem fixar nas suas paginas mortas. O culto do documento escripto, o fetichismo literalista é hoje corrigido nos seus inconvenientes e nas suas insufficiencias pela contribuição que a philosophia da história trazem as sciencias da natureza e as sciencias da sociedade. (VIANNA, Oliveira. 1933 [1922] p.IX.).

Este recurso do autor às ciências chamadas naturais remonta em boa medida ao método sociológico de É. Durkheim, apresentado principalmente em **As regras do método sociológico**.[30] Durkheim, nesta obra, propõe justamente um método de investigação sociológica com regras específicas. Tais regras pautam-se na idéia de que as formas e funções dos itens que compõem a sociedade se comportam de uma maneira orgânica. Assim, "as leis poderosas" das ciências naturais passam a valer como instrumentos explicativos importantes de formações históricas constantes da obra dos dois autores que pretendemos comparar. Como já dissemos, as duas principais ciências a fornecer um arcabouço imagético para O. Vianna e Caio Prado Jr. são A Física e a Biologia. Vamos começar nossa análise dos textos a partir das interessantes metáforas físicas/ astronômicas. Curiosamente, no texto de Caio Prado Jr., é principalmente nos capítulos dedicados ao povoamento (a principal temática de O. Vianna) que surge a maioria destas metáforas:

> Esta diferença determina uma estrutura de povoamento inteiramente diversa no Centro-Sul, setor da mineração, e no sertão do nordeste. No primeiro o que vamos encontrar quando cessam a expansão mineradora, as explorações e novas descobertas que se sucedem continuamente, provocando migrações e deslocamentos bruscos da população; quando, numa palavra, se sedimenta e estabiliza o povoamento – e isto se verifica cerca de meados do século XVIII –, o que vamos encontrar então é uma nebulosa de estabelecimentos mais ou menos separados e isolados uns dos outros. (PRADO JR., Caio.1996 [1942], p.56).

Mais adiante, na mesma página, eis que ressurge a nebulosa como forma perfeita de definição, associada a outras expressões derivadas da Física:

> Aquela nebulosa de estabelecimentos mineradores se agrupa em três núcleos de maior densidade. Cada qual constituirá, administrativamente, uma capitania: Minas Gerais, Goiás, Mato grosso. Analisemo-los nesta ordem, que é a de seu aparecimento e entrada em cena da História.
> Em Minas Gerais, o centro de condensação (para empregar um termo emprestado à física e que a distribuição do povoamento que ora analisamos sugere tão vivamente) está localizado numa faixa que se estende de sul a norte, da bacia do rio grande `as proximidades das nascentes do Jequitinhonha. (PRADO JR., Caio.1996 [1942], p.56).

Esta terminologia, que vemos tão bem elaborada no texto de Caio Prado Jr., foi provavelmente inspirada em passagens como esta, de O.Vianna:

> Os grandes senhores ruraes, que, atrahidos pela vida das cidades gravitavam, como asteróides em torno do pequeno núcleo fidalgo. (VIANNA, Oliveira. 1933 [1922] p.17.).

Os elementos espaciais, a gravidade, a linguagem dos corpos, são adotados pelos dois autores em diversas partes de seus textos. São a fonte de inspiração para imagens marcantes, de grande poder explicativo. A imagem dos senhores rurais que gravitavam como asteróides em torno de um núcleo talvez tenha inspirado a imagem da nebulosa de estabelecimentos mineradores que se agrupam em torno de três núcleos. A seguinte passagem do texto de Caio Prado utiliza-se diretamente desta idéia orbital:

> Se apesar de tudo isto a bacia amazônica entrou na órbita da colonização luso-brasileira e fugiu à dominação espanhola (....) (PRADO JR.,Caio.1996 [1942], p.68).

E segue-se, no texto de O. Vianna, um desfilar de termos da Física/Astrofísica, demonstrando o fascínio metafórico exercido por estas ciências no interior de seu texto:

> Depois da analyse da organização social vicentista, o movimento da bandeiras, do fim do II século em deante, o seu "espantoso ondular" se torna perfeitamente compreensível (...).
> É verdade que a causa apparente e immediata desse movimento é a atracção magnética exercida pela legenda da Serra das Esmeraldas. Essa fascinação não bastaria porém para determinar tão admirável irradiação conquistadora. (VIANNA, Oliveira. 1933 [1922] p.99-100.).

Mas é sobretudo o uso metafórico de uma lei da física que no texto de Caio Prado Jr. é instrumento para explicar o movimento populacional de minas no capítulo "Correntes de Povoamento", que vem atestar o fato de que nosso autor inspira-se em explicações semelhantes também referentes a movimentos populacionais, encontradas em O. Vianna:

> Analisemos agora este movimento centrífugo da população mineira com mais pormenores. (PRADO JR.,Caio.1996 [1942], p.76).
> Em suma, o movimento centrífugo da população mineira, em direção sobretudo de Leste, Sul e oeste, acha-se no momento que nos ocupa em franco processo. (PRADO JR.,Caio.1996 [1942], p.81).

A visualização, por Caio Prado Jr., de um movimento centrífugo populacional para traduzir ou compreender a dispersão da população mineira remete a uma elaborada análise que faz

O.Vianna justamente de movimentos populacionais na colônia. É uma imagem poderosa, que nos faz pensar numa hélice arremessando para longe das cidades a população colonial ou aglomerando-a com seu poder de sucção:

> D'ahi esse conflicto interessantíssimo, que assistimos, durante todo o período colonial, entre o espírito peninsular e o novo meio, isto é, entre a velha tendência européa, de caracter visivelmente centrípeto, e a nova tendencia americana de caracter visivelmente centrífugo: a primeira atrahindo as classes superiores da colônia para as cidades e os seus encantos; a segunda impelindo essas mesmas classes para os campos e seu rude isolamento. (VIANNA, Oliveira. 1933 [1922] pp.14-5).

Estes movimentos da Física desdobram-se por todo o primeiro capítulo de O. Vianna, "Formação do typo rural". A dicotomia entre centrífugo/centrípeto é justamente a base de sua caracterização da classe rural do sudeste[31]:

> É este irremediavel antagonismo entre a vida urbana e a vida rural que acaba por dar, afinal, victória á tendencia centrífuga, própria ao meio americano. (O.Vianna, op.cit. p.20).
> Essa dispersão da nobreza colonial pelo interior rural é vigorosamente intensificada pela collaboração de outros agentes possantes de centrifugismo urbano. É, primeiro, a penetração dos Sertões em busca dos índios. É, depois, a expansão pastoril nos planaltos. É por fim a conquista das minas. Tudo isso concorre poderosamente para deslocar e dispersar a população para fora da peripheria das cidades e das circunvizinhanças dos centros urbanos. (VIANNA, Oliveira. 1933 [1922] p.21.).

As forças físicas e os termos astronômicos servem nos dois textos à explicação de movimentos populacionais, de bandeiras, de movimentos colonizadores. Servem à criação de metáforas que fornecem ao leitor imagens impressionantes dos movimentos internos da colônia. Caio Prado certamente se deu conta do poder explicativo derivado destas metáforas organicistas, e, talvez não concordando com algumas de suas aplicações por parte de O. Vianna as incorpora ao texto de **FBC**.

Uma segunda e importantíssima fonte de inspiração metafórica são os elementos derivados da Biologia, em particular da Botânica. No capítulo intitulado "Organização Social"[32] – termo que também aparece no texto de O. Vianna –, componente da parte final de **FBC,** vemos a metáfora botânica tomar enorme força. Da idéia de vegetal é que se chegará ao conceito de desclassificados sociais. E, note-se, este percurso que associa populações que vegetam à idéia de desclassificação não é único de Caio Prado. Ele ocorre tal e qual em **Populações meridionais do Brasil** (doravante vamos chamar de **PMB**). A mesma terminologia da desclassificação social fora inaugurada por O. Vianna três décadas antes. Mas, como veremos, é Caio Prado que vai enriquecer, e muito, a metáfora botânica associada à sociedade brasileira.

A questão central deste capítulo de **FBC** é justamente a compreensão do funcionamento da sociedade colonial no momento do início de sua desagregação. É a metáfora da célula (associada à metáfora vegetal) que vai dar conta desta estrutura. A célula inicial constitutiva da sociedade colonial é formada pelos elementos bem classificados – senhores (o núcleo) e escravos. Acontece que esta célula inicial que assim se organizava nos primeiros séculos da colonização começa no momento de ruptura social estudada por Caio Prado (o início do século XIX), a ser invadida por um corpo estranho – a legião de desclassificados sociais. Vejamos, inicialmente, esta passagem:

> Constituído assim numa sólida base econômica, e centralizando a vida social da colônia, o grande domínio adquirirá aos poucos os demais caracteres que o definirão. De simples unidade produtiva, torna-se desde logo célula orgânica da sociedade colonial (...) O senhor deixará de ser o simples proprietário que explora comercialmente suas terras e seu pessoa; o escravo também não será simples mão de obra explorada. Se trabalha para aquele, e até forçado pelo açoite do feitor ou pelo tronco da senzala, também conta com ele, e dele depende para os demais atos e necessidades de sua existência; toda ela se desenrola, do nascimento à morte, freqüentemente por gerações sucessivas, na órbita do senhor e seu domínio, pequeno mundo fechado em função do qual se sofre e se goza. (PRADO JR., Caio.1996 [1942], p.288).

Essa interessante passagem do texto de Caio prado Jr., onde caracteres físicos e biológicos se fundem é ilustrativa da importância da metáfora biológica dentro deste capítulo que engendra quase toda a análise da estrutura social por Caio Prado Jr. Se pensarmos que a célula também tem um núcleo, a idéia de órbita pode também ser atribuída a ela (em O. Vianna encontra-se também uma passagem relacionada ao domínio rural como algo nuclear"[33]).

A célula é um corpo fechado. A ela podemos associar, na obra de Caio Prado, a idéia de círculo fechado, ou mesmo de ciclos econômicos. Caio Prado, neste mesmo capítulo, alterna justamente a idéia de célula orgânica referente ao grande domínio, com a idéia da circularidade:

> E assim, todo aquele que se conserva fora daquele estreito círculo de traçado pela grande lavoura, e são quase todos além do senhor e seus escravos não encontra pela frente perspectiva alguma. (PRADO JR., Caio.1996 [1942], p.285).

A célula, o corpo coeso, circular, passa a ser então invadida por corpos estranhos, que são resultantes do próprio modo de funcionamento da colônia e das possibilidades restritas impostas por esta organização celular. A circularidade das grandes propriedades é refém de um outro círculo maior, o círculo traçado pelos ciclos econômicos. Dos ciclos de que a colônia encontrava-se refém em função do próprio sentido da colonização, determinando qual é o produto da vez para ser produzido em função do mercado externo:

> Em capítulo anterior já assinalei esta evolução por arrancos, por ciclos que se alternam no tempo e no espaço, prosperidade e ruína, e que resume a história do Brasil colônia. As repercussões sociais de uma tal história foram nefastas: em cada fase descendente desfaz-se um pedaço da estrutura colonial, desagrega-se a parte da sociedade atingida pela crise. Um número mais ou menos avultado de indivíduos desagrega-se, perde suas raízes e base vital de sua subsistência. Passará então a vegetar à margem da ordem social. Em nenhuma época e lugar isto se torna mais catastrófico e atinge mais profunda e extensamente a colônia, que no momento preciso em que abordamos a nossa história, e nos distritos da mineração. Vamos encontrar ai um número considerável destes indivíduos desamparados evidentemente deslocados, para quem não existe o dia de amanhã, sem ocupação normal, fixa e decentemente remuneradora; ou desocupados inteiramente, alternando o recurso à caridade com o crime. O vadio na sua expressão mais pura. (PRADO JR.,Caio.1996 [1942], p.285).

Esta idéia do vadio como desenraizado é uma expressão da metáfora botânica muito bem utilizada dentro deste texto. O indivíduo se desprende da sociedade com a chegada de um novo ciclo e é abandonado pelo círculo a que pertencia. A sociedade dos ci-

clos econômicos passa como um rio na cheia, desbarrancando suas margens, destruindo seu próprio leito. Aliás, é justamente esta a expressão utilizada – à margem – para estes indivíduos desclassificados. Eles são abandonados como plantas desenraizadas pela cheia em uma margem à qual não pertenciam antes. E para expressar este abandono em que passam a viver, o autor recorre mais uma vez à planta, que é uma forma de vida que não se locomove; **vegetar** é o termo que exprime sua tosca sobrevivência.

Ocorre que todas estas expressões – a metáfora vegetal em suas diversas manifestações, a idéia de desclassificação social e a imagem dos indivíduos à margem, encontramo-las exatamente iguais no texto de O. Vianna. Claro que não com toda a força explicativa que adquirem associadas à compreensão econômica e social de Caio Prado. Mas elas estão lá, e provavelmente do texto de **PMB** surge a inspiração imagética para esta parte tão importante de **FBC:**

> Os que não conseguem um grande domínio agrícola, com farta escravaria ou tendo-o conseguido, fracassam, ficam á margem, nesse grupo indefinido da plebe, entre a escravaria e a mestiçagem. – "Nesse Estado, vive com suma indigência quem não negocia, ou carece de escravos"– confessa Frei Gaspar. Premidos pelos preconceitos sociaes e pela necessidade, esses desclassificados se abysmam nas zonas obscuras dessa sociedade ruralizada. Fazem-se clientes dos grandes latifundiarios. Em torno destes, ao lado da capangagem dos mamelucos, entram a vegetar em silêncio, até que a eclosão deslumbrante das "bandeiras" os arremesse, transfigurados, no tumulto das minas. (VIANNA, Oliveira. 1933 [1922] p. 74).

Nesta passagem vemos pela primeira vez, no texto de O. Vianna, a referência aos desclassificados, que recorrerá nos parágrafos

seguintes. Provavelmente, o largo uso do termo em **FBC** fora inspirado por passagens de **Populações Meridionais do Brasil**, obra na qual, é importante assinalar, o autor refere-se aos primeiros séculos da colonização, e seus desclassificados são principalmente os chamados agregados das fazendas – categoria que lhe é muito cara. Os desclassificados de Caio Prado referem-se principalmente aos "desclassificados do ouro", mas a idéia de desclassificação é nos dois textos a mesma. Ocorreria uma reapropriação, por parte de Caio Prado, de uma idéia que no seu texto transforma-se, toma um referencial ampliado. Há ainda outra imagem relacionada à desclassificação que vemos no texto de O. Vianna e que se repete em **FBC**: a idéia de massa social. Este é o corpo coeso que invade o círculo colonial de Caio Prado. Vejamos este trecho de **PMB**:

> O sesmeiro vicentista está collocado entre as pontas de um verdadeiro dilemma: – tem que escolher entre a vida vegetativa dos decahidos, ou a cultura em grande escala. Dadas as condições especiaes daquella sociedade, esse dilemma se transforma nesse outro: ou a desclassificação social ou a posse de uma grande massa operária. (VIANNA, Oliveira. 1933 [1922] p. 77).

É interessante notar, no texto de Vianna, a forma como a questão da desclassificação é apresentada, na perspectiva dos senhores rurais. A desclassificação seria um fruto da sua decadência, ou incapacidade administrativa. Muito diferente é a desclassificação do mestiço: *O mestiço na sociedade colonial é um desclassificado permanente.*[34] Ao desclassificado mestiço é que se associará de maneira definitiva a idéia de desplantado (tão similar aos desenraizados de Caio Prado Jr.) e, posteriormente, a idéia de formação de uma massa social instável:

> Por ahi se vê que o mestiço é na sociedade colonial, um nômade. Liberto do trabalho rural, egresso dos engenhos, mal fixo a terra, a sua instabilidade é evidente. É um desplantado, um deslocado, um infixo. Por isso seu nomadismo de caçador se transforma facilmente no nomadismo de guerreiro sertanista. (VIANNA, Oliveira. 1933 [1922] p. 90.).

As bandeiras serão uma ocupação provisória para os mestiços desclassificados, assim como a defesa das fazendas, ou o garimpo:

> Toda essa massa de mestiços ociosos e inuteis, que vemos pullular, como um transbordo das senzalas, nas terras dos latifundios tem agora á sua actividade uma aplicação superior. Della é que vão sahir os elementos combatentes, indispensáveis á defesa do domínio. (...) Eliminae-o. Para logo os engenhos e os curraes se submergiriam no tumulto da barbaria tropical. (VIANNA, Oliveira. 1933 [1922] pp. 91-2.).

Todas essas passagens que citamos em seqüência do texto de O. Vianna têm como objetivo caracterizar a maneira como nos é apresentada neste livro a idéia de massa de desclassificados, associada à metáfora da planta e à barbárie. Estas associações repetem-se em **Formação do Brasil contemporâneo**, e desenvolvem-se de maneira notável nesse texto. Ganham mais significados que em seu texto de origem e uma importância central na teoria de Caio Prado; são as massas de desclassificados que viverão à margem do Sentido da Colonização. As massas desenraizadas, que vemos em passagens com a que citaremos a seguir, adquirem importância fundamental no trabalho de Caio Prado em função do próprio recorte histórico que o autor opta por fazer:

> No torvelinho das paixões e reivindicações então desencadeadas, pelo rompimento do equilíbrio social e político que provoca a transição de colônia para Império livre aquela massa deslocada, indefinida, mal enquadrada na ordem social, e na realidade produto e vítima dela, se lançará na luta com toda a violência de instintos longamente refreados, e com muitas tintas da barbárie ainda tão próxima que lhe corria nas veias em grandes correntes. Não resta a menor dúvida que as agitações anteriores e posteriores à Independência, as do tormentoso período da minoridade do primeiro decênio do segundo império, todas elas ainda tão mal estudadas são fruto em grande parte daquela situação que acabamos de analisar. É naquele elemento desenraizado da população brasileira que se recrutará a maior parte da força para a luta das facções políticas que se formam; e ela servirá de aríete das reivindicações populares contra a estrutura maciça do Império, que apesar da força do empuxo, resistirá aos seus golpes. (...)
> Vimos as condições gerais em que se constitue aquela massa popular - a expressão não é exagerada -, que vive mais ou menos à margem da ordem social: a carência de ocupações normais e estáveis capazes de absorver, fixar e dar uma base segura de vida à grande maioria da população livre da colônia. (PRADO JR., Caio.1996 [1942], p.289).

Neste notável trecho, onde o autor por duas vezes faz uso do termo *massa* para referir-se à população, da metáfora vegetal das raízes, e onde identificamos também a presença da Física – seja na própria idéia de *massa* que se desloca, seja na *força de empuxo* –, temos quase que uma síntese de influências metafóricas, no caso herdadas muito provavelmente de O. Vianna. Uma síntese da importância dessas metáforas na obra de Caio Prado. É um trecho importante também do ponto de vista historiográfico, pois vemos

descrita a transição da colônia para império, período em que os desclassificados atuam claramente como elemento desagregador da ordem colonial, e como força que se insurgirá, também, contra a ordem imperial. Podemos deduzir daí que a ordem imperial representa na ótica de Caio Prado um elemento de permanência do Sentido da Colonização, enquanto a massa desenraizada é um elemento que atua contra este mesmo Sentido. Vale lembrar, mais uma vez, que seu desenraizamento é fruto dos ciclos econômicos e da falta de opção gerada pelo sistema colonial, duas resultantes do mesmo Sentido. O. Vianna lembra bem, assim como Caio, que muitas vezes essa mesma massa teve utilidade para o fortalecimento desta ordem contra a qual ela mesma se baterá, com força de aríete.

Notas

[1] Vale lembrar aqui a data de publicação de algumas importantes obras destes autores. Gilberto Freyre publica a primeira edição de Casa Grande & Senzala em 1933, e Sobrados em Mocambos em 1936, mesmo ano aliás, da primeira edição de Raízes do Brasil -obra canônica de Sérgio Buarque de Holanda.

[2] CANDIDO, Antônio. **O significado de Raízes do Brasi**l, In: HOLANDA, Sérgio Buarque, 1995, p. 9.

[3] A respeito deste conceito de "geração de 1870", e as repercussões de suas obras, ver SKIDMORE, Thomas. 1976.

[4] Cf, capítulo **O Sertão**, de Capítulos de História Colonial. ABREU, Capistrano. 2000 [1907].

[5] Sobre o conceito de formação que Caio Prado se utiliza em sua obra, cf. GNERRE, Maria Lucia Abaurre. 2001, pp- 17-56.

[6] O conceito de intertextualidade baseia-se no pressuposto de que não existe nenhum texto completamente original. A partir desse pressuposto, definem-se a intertextualidade explícita (citações, epígrafes, paráfrases e outras referências diretas a outros autores e textos) e a intertextualidade implícita (os ecos de outros textos que se podem reconhecer em um texto sob análise). O conceito ganha grande impulso conceitual a partir, por exemplo, de M. Bakhtin, que no livro *Estética da Palavra* considera a intertextualidade como relacionada ao conceito de polifonia – a existência, em um texto, de outras vozes escondidas. A escrita de um autor pode ser considerada,

assim, como uma escrita que se constrói sobre outra ou outras escritas, como uma espécie de mosaico de citações ou alusões que em alguns casos o autor pode fazer de maneira mais ou menos inconsciente. Jaques Derrida e Gerard Genette são alguns dos autores também considerados importantes nesta caracterização da intertextualidade, e na discussão de como se pode trabalhar com esta polifonia textual. Cf. BAKTIN, Mikhail. 1992.

[7] Principalmente com relação à metáfora da Casa Grande, enquanto teoria explicativa capaz de servir para diversas regiões do Brasil, há importantes pontos de discordância entre estes autores. A este respeito, cf. GNERRE, 2001, pp. 177-180.

[8] Ver ABREU, Capistrano. **"Explicação** - Normas da quarta edição (1954)", *op. cit.*, p. 3.

[9] Gilberto Freyre tem interesse maior em suas obras por certos micro fatos, ainda que o uso posterior que faça destes seja um pouco diverso.

[10] A este respeito do estilo destes autores, em contraposição ao estilo "caio-pradiano", cf GNERRE, 2001, pp 131-156.

[11] O conceito de desclassificados que surge na obra de Caio Prado Jr, e tem vida longa e importantes desdobramentos historiográficos à partir da obra de Laura de Melo e Souza, **Os Desclassificados do Ouro.**

[12] Ainda que, segundo Capistrano, não percam seu desprezo pela gente originária dos Sertões, gente que supostamente deu origem à guerra dos emboabas.

[13] Capistrano sugere a hipótese muito interessante de diferenças da população sertaneja de um e outro sertão. No ponto em que se acham os estudos históricos atuais, nada se pode afirmar a este respeito. O que não padece dúvidas é o tipo característico do sertanejo em geral, em oposição as demais populações da colônia.

[14] De tudo isso resultará, para a colônia, em conjunto, um tom geral de inércia. Paira na atmosfera em que a população colonial se move, ou antes, "descansa", um vírus generalizado de preguiça, de moleza, que a todos , com raras exceções, atinge. (PRADO JR.,Caio.1996 [1942], p.349).

[15] O texto do **Roteiro do Maranhão** foi publicado em 1900 pela revista do IHGB (V. 62 - T2) e faz parte de uma série de publicações de escritos coloniais cuja edição se fazia necessária, naquele momento, para que os historiadores pudessem formar nossa história nacional. Segundo consta na última página do texto publicado em 1900, este teria sido copiado pelo Frei Vicente Salgado, em 1800, "bem e exactamente" como o texto do manuscrito, que fora encontrado na Secretaria dos Negócios Ultramarinos de Lisboa.

[16] Ver pp. 184, 185, 186 de **Capítulos de História Colonial**. Estes são trechos em que Capistrano dedica especial atenção à **Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas.**

[17] Ver ABREU, Capistrano, 2000 [1907], p. 154 e PRADO JR., Caio. 1996 [1942]., p. 191 , nota 13.

[18] DECCA, Edgar, **Literatura em ruínas ou ruínas da literatura?** In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia. 2001, p. 167.

[19] Pois Caio Prado envolve-se durante toda sua vida com a política, na busca de saídas futuras para o país. Euclides opta por outra postura (mas talvez não ainda no momento em que escreve *OS).*

[20] PRADO JR., Caio. 1996 [1942], p 212.

[21] CUNHA, Euclides. 1999 [1909], p.12.

[22] CUNHA, Euclides. 1999 [1909], p.8.

[23] PRADO JR., Caio. 1996 [1942], p 212.

[24] CUNHA, Euclides. 1999 [1909], p.2.

[25] CUNHA, Euclides. 1988 [1902] p. 96.

[26] VIANNA, Oliveira, 1933 [1922].

[27] VIANNA, Oliveira, 1933 [1922], p.51.

[28] VIANNA, Oliveira, 1933 [1922],. p.47.

[29] VIANNA, Oliveira, 1933 [1922], p.83.

[30] DURKHEIN, Èmile, 1963.

[31] O termo classe, que utilizamos aqui, tem em boa medida o aval do autor, pois aparece muito mais vezes no texto de O. Vianna do que no de Caio Prado, por exemplo.

[32] Neste capítulo vemos também uma referência direta de Caio Prado a O.Vianna na nota da p. 287, onde o autor diz que Vianna e Freyre teriam sido os primeiros a analisar as relações sociais dentro das casas de fazenda. Ele cita **Populações Meridionais do Brasil.**

[33] *O latifúndio os concentra* [os três elementos étnicos] *e os dispõe na ordem mais favorável á sua mistura. Pondo em contacto imediato e local as tres raças elle se faz um esplêndido núcleo de elaboração do mestiço* (VIANNA, Oliveira, 1933 [1922], p. 86).

[34] VIANNA, Oliveira, 1933 [1922], p.89.

Bibliografia:

ABREU, Capistrano de. **Capítulos de História colonial**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2000.

ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas**. São Paulo: Melhoramentos, 1976.

ANÔNIMO. Roteiro do Maranhão a Goiaz pela capitania do Piauhí. Rio de Janeiro: **Revista IHGB,** tomo 62, 1900.

CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. São Paulo: Ática, 1988.

_____. **Á margem da história**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1992.

BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. 41ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **Sobrados e mucambos.** 12ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2000.

GNERRE, Maria Lucia Abaurre. **A forma e a nação: estilo histo-**

riográfico em Formação do Brasil Contemporâneo. Campinas, SP: [s.n.], 2001.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 26ª. ed, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PRADO JR., Caio. **A formação do Brasil Contemporâneo**: Colônia – 24ª reimpressão, São Paulo: Brasiliense, 1996.

SKIDMORE, Thomas. **Preto no Branco: Raça e Nacionalidade no Pensamento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

VIANNA, F.J. Oliveira. **Populações meridionais do Brasil**: primeiro volume - populações do centro sul. 3ª ed., Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1933.